

O curta metragem documental na sala de aula

Rachel Munhoz [1]
Universidade Federal do Rio Grande FURG
Coautoria: Daiane Nunes[2]
Universidade Federal do Rio Grande FURG
Pamela Bittencourt[3]
Universidade Federal do Rio Grande FURG

Resumo: O presente relato objetiva refletir sobre as experiências sociais que ocorreram durante a produção de curta metragem documental, realizada no projeto social de nome Instituto Querô, com jovens entre 14 e 17 anos, de áreas marginalizadas da cidade de Santos, litoral de São Paulo. Sendo a produção audiovisual uma janela para diferentes temas sociais e culturais, ela torna-se uma ferramenta poderosa, que trabalha na mesma linguagem da juventude e que pode ser uma verdadeira aliada para a prática docente em centros formais e não formais de educação. Há muitas barreiras a serem enfrentadas no caminho, mas autores como Martin-Barbero, por exemplo, já chamam a atenção sobre a grande oportunidade que a tecnologia pode propor para a educação e, ignorar tais sinais, pode significar um afastamento da escola formal das práticas cotidianas de jovens que se identificam cada vez menos com um sistema de ensino que não fala no seu idioma.

Palavras-chave: Audiovisual; educação; juventude.

---

[1]Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Católica de Santos (2010), Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2º semestre), é Aluna Especial no Mestrado em Educação da FURG e integrante do Laboratório Nós do Sul - Estudos e Pesquisas sobre Currículos, Culturas e Identidades/Cnpq, onde realiza pesquisas nas áreas de Artes, Educação, História, Feminismos e Relações, com orientação de mestres e doutores da FURG. Atualmente, trabalha como cinegrafista para a FURG TV, além de ser redatora web na agência uruguaia Lemon Dess. Tem experiência nas áreas de cultura, educação, rádio e juventude por meio do terceiro setor, além de ser membro atuante de coletivos independentes de produção audiovisual, ter alguns de seus trabalhos selecionados em festivais de cinema nacionais e internacionais e trabalho fotográfico publicado em revistas impressas e virtuais.

[2] Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG (4° semestre) e integrante do Laboratório Nós do Sul- Estudos e pesquisas sobre currículos, Culturas e indentidades/ Cnpq, onde realiza pesquisas nas áreas de Artes, Educação, História, Feminismos e Relações, com orientação de mestres e doutores da FURG. Participou do II Simpósio de Formação do Professor de Matemática da Região Sul, da comissão organizadora da 20ª Semana aberta da FURG promovida pela Pró- Reitoria de Graduação-PROGRAD, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e da comissão organizadora da acolhida cidadã 2016, para o curso de Pedagogia. Atualmente, faz parte da comissão organizadora do "Chá da cinco com a pedagogia" - evento do curso de Pedagogia da FURG que acontece mensalmente e tem por objetivo oportunizar experiências significativas de diversas temáticas para alunos e público em geral.

[3] Graduanda em Pedagogia (4° semestre) pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, integrante do Laboratório Nós do Sul -- Estudos e Pesquisas sobre Currículos, Culturas e Identidades/Cnpq, onde realiza pesquisas nas áreas de Artes, Educação, História, Feminismos e Relações, com orientação de mestres e doutores da FURG. Além disso, faz parte da comissão organizadora do evento mensal "Chá das cinco com a Pedagogia", que organiza sessões de cinema seguidos de bate papos sobre variados assuntos, como feminismo, preconceito racial, entre outros. Atualmente, trabalha como professora substituta das séries iniciais na Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama, em Rio Grande.

Introdução

Não é de hoje que a arte, e mais precisamente o audiovisual, tem sido utilizada como ferramenta de ensino e transformação social. Inúmeros programas têm sido desenvolvidos com este princípio, seja com o objetivo de inserir xs[4] jovens no mercado pela capacitação técnica ou para instigar o seu questionamento por meio da visão crítica gerada a partir de uma obra audiovisual. Acompanhando estas experiências, Rachel Munhoz atuou por três anos no projeto Instituto Querô, na cidade de Santos - SP, por meio de um trabalho que consistia na seleção de jovens de áreas periféricas, com o intuito de realizarem produções audiovisuais ao longo de 12 meses. Neste período, xs jovens discutiam sobre cada etapa que envolve a produção de cinema: sugestão de tema, pesquisa de campo para aprofundamento do tema escolhido após um consenso do grupo, capacitação técnica básica para a gravação do filme, processo de edição e, finalmente, o lançamento.

Ainda que, durante a produção de um curta metragem, algumas pessoas estejam atrás da câmera, enquanto outras trabalham na edição, entre outras funções que envolvem tal prática, o vídeo permite a participação de todxs, em que cada umx empresta um pouco de si para aquela obra. Com isso, xs produtorxs são capazes de visualizar os seus conflitos próprios, assim como também os dxs outrxs e isso pode provocar uma abertura para que muitos papéis sejam vistos em perspectivas diferentes.

Para muitas pessoas, a experiência da produção de curta metragem pode ser uma brincadeira que ocorre sem reflexão dxs participantes, porém, quando se é capaz de colocar a lente de umx pesquisadorx, é possível perceber muitas potencialidades na ferramenta do audiovisual. Para um dos autores que trabalham a questão na contemporaneidade, Martin-Barbero, a difusão do conhecimento que ocorre durante experiências como essa devem ser muito valorizadas do ponto de vista da educação, isso porque tais espaços de coletividade humana são capazes de

[4] O "x" é utilizado durante todo o trabalho para tornar possível uma linguagem inclusiva de gênero, substituindo as letras o/a, os/as, seguindo as orientações das autoras Rayane Noronha Oliveira, Ana Paula Duque e Luana Medeiros Weyl em "Introdução a crítica ao direito das mulheres", volume 5 (2011).

transformar a maneira como nos relacionamos e nos reconhecemos (MARTIN-BARBERO, 2000, pág. 84).

E mesmo inseridxs no mesmo contexto civilizatório, alguns professorxs consideram a hipótese de que xs alunxs devem se adequar à um anacrônico sistema educativo e protestam contra a sua adequação aos novos processos comunicativos, que acabam, inevitavelmente, interferindo em todos os espaços de coletividade humana, como o trabalho, a cultura e a educação.

Metodologia utilizada no projeto

O projeto social, com duração de 1 ano, sugeriu a produção de um curta metragem documental. Após aulas que abrangem conhecimentos técnicos da área de cinema, xs jovens passavam também por dinâmicas que abordavam temas de cidadania, juventude, feminismo, políticas públicas e cultura. Depois, ocorriam as reuniões de equipe em que eram decididas as funções, entre diretorxs, produtorxs, fotógrafxs e outrxs. Nestes encontros, eram também debatidos os temas pelos quais elxs gostariam de trabalhar em seus filmes e, entre os eleitos pelxs jovens, o mais votado foi “Os carregadores do Monte” - a história dos trabalhadores do morro chamado Monte Serrat, que subiam até 400 degraus carregando objetos nas costas, já que o local não permitia acesso de veículos.

A experiência no morro durou cerca de cinco dias, entre pesquisa, entrevistas e gravações. E elxs acabaram tendo outra dimensão da sua própria cidade, já que nem todxs eram moradorxs do morro e acabavam sem conhecer como era a vida acima do asfalto.

Discussão

As figuras e discursos propostos, além das descobertas experienciadas pelxs jovens acabam se apresentando para x pesquisadorx que pousa o seu olhar sobre a experiência da produção de curta metragem documental como uma rica ferramenta pedagógica.

É possível reproduzir esse tipo de experiência com a produção audiovisual em menor escala, dentro dos centros formais de educação? Já existem projetos adotados pelas secretarias de educação de algumas cidades que mostram essa possibilidade, além de dar a abertura para que professorxs interessadxs transformem algumas de suas aulas em um verdadeiro set de cinema.

Além das oficinas anuais do projeto, o Instituto Querô promove também o "Querô na Escola". O objetivo é proporcionar conhecimentos sobre os recursos audiovisuais dentro das escolas públicas, para que jovens relatem nos vídeos as suas perspectivas do cotidiano escolar. Além de apresentar a possibilidade da utilização desses recursos tanto para xs estudantes, como para xs docentes, esses trabalhos audiovisuais acabam auxiliando na identificação de muitos problemas existentes no sistema da própria escola, assim como também torna possível o conhecimento dos elos afetivos que xs jovens possuem com a instituição.

O fato de este projeto ter conseguido inserção no meio educacional tradicional representa um avanço significativo quando falamos em progressão da tolerância para novos meios de ensino. Muitas vezes, há uma certa resistência por parte dxs docentes e coordenação escolar em adaptar-se à uma nova metodologia de ensino, por mais que seja algo pontual.

As inovações tecnológicas estão em todos os campos da sociedade e refletem diretamente na vida dx ser humanx, principalmente, em sua formação reflexiva e crítica. A escola, como um dos principais espaços de produção, discussão e construção de conhecimento, deve se apropriar também dessa ferramenta para se aproximar mais do cotidiano dxs educandxs, colocando esse tipo de ferramenta ao lado do giz, do quadro negro e do livro.

Porém, ainda há alguns desafios a enfrentar com relação ao tema: as escolas nem sempre podem contar com tais dispositivos por motivos financeiros e também há resistência de muitxs docentes que ignoram o fato de que a tecnologia deve ser a parte e não o todo. Afinal, o melhor resultado se dá quando conseguimos visualizar tudo que é possível construir a partir de ferramentas como essa.

A experiência relatada aqui pretende ressaltar o envolvimento que se pode criar entre professorxs e alunxs, a sua escola e a sua comunidade para a produção de conhecimento de maneira colaborativa e em uma linguagem que xs educandxs entendem muito bem, assim como também xs docentes, que também estão inseridxs no mesmo contexto tecnológico, por meio da televisão, na utilização de seus celulares, nas suas relações pessoais e outrxs. Deixar a escola fora dessa tendência é fechar os olhos para o presente.

Referências

MIRANDA, Adriana Andrade [et al.]. *Introdução crítica ao direito das mulheres*. Organizadores: José Geraldo de Sousa Junior, Bistra Stefanova Apostolova, Lívia Gimenes Dias da Fonseca. Série O direito achado na rua; v. 5. Brasília: CEAD, FUB, 2011.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Novos regimes de visibilidade e descentramentos culturais. In: FILÉ, W. *Batuques, fragmentações e fluxos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.